

FATORES QUE CONTRIBUEM PARA AS INCIVILIDADES PRESENTES NA RELAÇÃO ENTRE ALUNOS E PROFESSORES DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA OTÍLIA SILVA BERTI, NO MUNICÍPIO DE ARARANGUÁ/SC ¹

Ana Karina Cirimbeli Coral Tournier ²

Resumo: O presente artigo científico aborda como tema “Fatores que contribuem para as incivildades presentes na relação entre alunos e professores do ciclo de alfabetização na escola Otília Silva Berti, no município de Araranguá/SC”. O objetivo geral é identificar os fatores que contribuem para as incivildades presentes na relação entre alunos e professores do ciclo de alfabetização na Escola Estadual Otília da Silva Berti no município de Araranguá/SC. Para tanto, os objetivos específicos que o norteiam são: descrever as incivildades mais presentes na relação entre alunos e professores no espaço da sala de aula; conhecer as principais dificuldades enfrentadas pelos professores referentes ao comportamento violento dos alunos; conhecer as estratégias utilizadas pelos professores para lidar com os conflitos provenientes das incivildades praticadas pelos alunos e verificar possíveis fatores presentes no espaço escolar que contribuam para o agravamento das incivildades. Como método, optou-se por utilizar uma pesquisa do tipo exploratória, de natureza quanti-qualitativa. A análise dos dados foi realizada a partir da análise estatística descritiva e da análise de conteúdo. Os principais resultados encontrados nesta pesquisa apontam a agressão física, xingamentos, desrespeito ao professor, apropriação de materiais e a falta de limites, como as incivildades mais presentes na relação entre alunos e professores. Também se destaca a pouca participação da família na vida escolar dos filhos e a dificuldade em impor limites, o que acaba por se refletir no comportamento dos alunos.

Palavras-chave: Escola. Incivildades. Cidadania. Direitos Humanos.

1 INTRODUÇÃO

¹ Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Educação e Direitos Humanos: escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina. Orientador: Profª Maria de Lourdes da Silva Leite Basto, Mestre. UFSC. E-mail basto64@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos: escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). katana.honorio@hotmail.com

O presente artigo tem como finalidade refletir sobre a importância em se compreender as incivildades que ocorrem na relação entre alunos e professores do ciclo de alfabetização na Escola Estadual Professora Otília da Silva Berti no bairro Barranca na cidade de Araranguá-SC.

O interesse pela temática é decorrente da experiência vivenciada como professora na referida escola, através do convívio diário com as incivildades em sala de aula e no recreio, bem como com os frequentes relatos dos outros professores acerca da violência e a frequência em que elas ocorrem. Evidencia-se que é preocupação frequente tanto do corpo docente quanto dos técnicos administrativos e pedagógicos da escola repensar os fatores que contribuem para a problemática das incivildades no espaço escolar e as estratégias utilizadas para minimizar esses conflitos.

Conceituar violência é muito difícil devido à complexidade do tema e pelos pesquisadores divergirem acerca de uma única definição. Mas a violência é uma realidade, em nosso dia a dia e a encontramos em todos os lugares. A violência na escola vem crescendo sem limites, ela já existe há muito tempo, mas o que vem mudando são as maneiras como ela, atualmente, acontece. Para o sociólogo francês Bernard Charlot desde o século XIX já havia relatos de violência na escola, o que mudou foi a intensidade e a regularidade com que elas acontecem e como são resolvidas no contexto escolar. Observa-se que os alunos que praticam as incivildades ou violências também são cada vez mais novos. A cada ano o contexto social exerce uma influência mais ampla sobre os espaços escolares, o que automaticamente é refletido em sala de aula. (CHARLOT, 2002, p. 2).

A violência e incivildades no espaço escolar vêm aumentando sendo importante destacar que muitos fatores envolvidos nesse assunto são externos ao espaço da escola. Portanto, deve-se considerar o contexto social, psicológico, a cultura familiar e a cultura da escola enquanto espaço de construção da cidadania, os quais podem influenciar na produção de comportamentos violentos bem como impactar diretamente no desempenho de professores e alunos o qual se reflete nos processos de ensino-aprendizagem e na qualidade das relações interpessoais.

Podemos classificar de uma forma simples incivildades como pequenas atitudes, gestos, xingamentos, empurrões e ofensas que vão aos poucos deteriorando as relações e que

comprometem as regras de convivência em sociedade o que remete aos poucos ao caos e por isso, talvez, seja tão importante refletir-se acerca desta temática.

É importante saber distinguir os termos incivilidade e indisciplina, que parece ter sido simplesmente incorporado ao conceito de violência na escola. A violência contradiz a lei, já a indisciplina não contradiz a lei, mas está contra os regulamentos da instituição; por outro lado a incivilidade não contradiz nem a lei e nem o regimento da instituição, mas atinge as regras da boa convivência. Esses termos acabam se confundindo, por estarem interligados no dia-a-dia das escolas.

Percebe-se que nos últimos anos as políticas públicas vêm avançando em relação ao combate à violência na escola, mas por ser uma agressão que acontece no interior da escola, permanece na condição de mero conflito interno. E assim, as incivildades continuam sua trajetória sem maiores preocupações por parte da maioria das pessoas o que, com certeza, vem dificultando o convívio escolar de alunos e professores e quem sabe marcando os mesmos para o resto de suas vidas.

Sendo assim, pretende-se com este estudo, clarear a compreensão sobre os conceitos de indisciplina e incivildades no espaço escolar bem como classificar as que mais ocorrem e como lidamos com elas. No intuito de contextualizar melhor esta temática, este artigo pretende tecer breves considerações sobre a escola enquanto espaço de construção da cidadania e da cultura dos direitos humanos bem como discorrer acerca dos termos indisciplina e incivilidade no espaço da escola. Na sequência, pretende-se apresentar e caracterizar o campo de estudo.

Por fim, serão apresentadas as delimitações metodológicas, os resultados da pesquisa e as considerações finais.

2 A ESCOLA ENQUANTO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA E DA CULTURA DE DIREITOS HUMANOS

O homem luta por igualdade desde sempre, no entanto, é evidente que a conquista por direitos humanos parece ganhar força através da forte atuação de organizações internacionais como ONU, UNICEF E OEA, entre outras, o que possibilitou ganhos significativos ao conseguir-se nivelar índices internacionais de condições mínimas aceitáveis ao ser humano.

Com a atuação dessas organizações internacionais na educação houve algumas

mudanças embora muito ainda precise ser feito para a efetivação dos direitos humanos como prática social no Brasil.

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos – PNEDH, o qual é fruto do compromisso do Estado com a concretização dos Direitos Humanos e de uma construção histórica da sociedade civil organizada. Ele incorpora aspectos dos principais documentos internacionais de Direitos Humanos dos quais o Brasil é signatário, agregando demandas antigas e contemporâneas de nossa sociedade pela construção de uma cultura de paz, democracia, desenvolvimento e justiça social.

Conforme PNEDH:

Nas sociedades contemporâneas, a escola é o local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas. (BRASIL, 2006, p. 23).

PNEDH estabelece que “[...] a universalização da educação básica, com indicadores precisos de qualidade e de equidade, é condição essencial para a disseminação do conhecimento socialmente produzido e acumulado e para a democratização da sociedade”. Essa é a principal função social da escola de educação básica. (BRASIL, 2006, p. 24).

Ao desempenhar essa importante função social, a escola pode ser compreendida, de acordo com o PNEDH, como: um espaço social privilegiado onde se definem a ação institucional pedagógica e a prática e vivência dos direitos humanos. [...] local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas. (BRASIL, 2006, p. 23).

Sabemos que a escola e a educação são fundamentais no processo de formação e no exercício da cidadania, nelas encontramos os requisitos básicos para desenvolver esse processo como a diversidade, o encontro de grupos variados, as diferentes culturas que se manifestam e ali convivem; um lugar onde todos um dia passaram e por isso é nela onde iniciamos a construção da cultura da diversidade e dos direitos humanos.

De acordo com Barth (1990, p. 514-515), “[...] as diferenças representam oportunidade de aprendizado. Para o autor o que realmente importa nas pessoas e nas escolas não é o que é igual, mas sim o diferente”.

Atualmente, as diferenças são tratadas como parte de todos nós pois trabalhamos cada vez mais com as experiências inclusivas o que deixa claro que os alunos precisam ser respeitados em suas características para serem integrados o que torna a diferença uma vantagem reconhecida para o aprendizado.

De acordo com De Vos *apud* Pottingnat (1998, p. 83): “Um grupo que se percebe como unido por um conjunto de tradições de que os seus vizinhos não compartilham e cujos membros utilizam subjetivamente de maneira simbólica ou emblemática aspectos de sua cultura, de modo a se diferenciar dos outros grupos”.

Reconhecer o outro com direitos e deveres mesmo que não faça parte do mesmo grupo se torna essencial ao processo de formação integral que compreende o reconhecimento da pluralidade e da alteridade como condição básica para o desenvolvimento do ser humano crítico e atuante na sociedade em que vive.

A Constituição Federal de 1988 no Art. 5º, dispõe que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Mas para que seja efetivado na prática é necessário que o indivíduo tenha uma formação que contribua para que o mesmo se reconheça como sujeito desse direito. O espaço escolar é fundamental para as práticas e vivências necessárias para esse reconhecimento.

Embora existam outros lugares capazes de desenvolver a cultura de direitos humanos e cidadania, é na escola onde construímos e lidamos com o saber sistematizado e codificado onde adquirimos de maneira ampla conhecimentos e informações variados sejam eles tecnológicos, populares, sociológicos, científicos, pedagógicos, entre outros. Para que a democratização da sociedade aconteça é fundamental, existirem a informação e o conhecimento de modo que a pessoa consiga situar-se no mundo de maneira efetiva com o intuito de intervir na sociedade em que vive argumentando, reivindicando e ampliando seus direitos.

Segundo Rego (1999), Vygotsky não ignora as definições biológicas da espécie humana; no entanto, atribui uma enorme importância à dimensão social, que fornece instrumentos e símbolos que medeiam a relação da pessoa com o mundo, e que acabam por fornecer também seus mecanismos psicológicos e formas de agir nesse mundo. O aprendizado é considerado, assim, um aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Entre as principais ideias de Vygotsky encontram-se: a) à relação dialética entre indivíduo-sociedade, nas quais originam-se as características tipicamente humanas. O homem transforma o seu meio e, ao mesmo tempo, transforma-se a si mesmo; b) às funções psicológicas superiores, que se originam nas relações entre indivíduo e seu contexto sociocultural, têm uma origem cultural; c) à relação com o mundo, que seria mediada por ‘ferramentas’ criadas pelo homem; d) ao cérebro como a base biológica de tais funções mentais (CORREIA *et al.*, 2001).

Através das maneiras utilizadas pelo outro, para ter limites e/ou interpretar as ações do sujeito e as formas empregadas por este para fazer o mesmo em relação à ação do outro, é que aos poucos estas vão sendo transformadas em recursos para a auto regulação. Assim, a relação do ensino aprendizagem por ser um fenômeno complexo, depende dos fatores de ordem social, política e econômica que vão influenciar na dinâmica da sala de aula, isto porque a escola não é uma instituição independente, ela está inserida no enredo do tecido social. Desse modo, as interações estabelecidas na escola revelam muitas faces de um contexto mais amplo em que o ensino se insere.

Rego (1996), diz que para Vygotsky, ao entrar no universo educacional o sujeito adquire conhecimento que é importante para organizar a compreender, e se for necessário desafiar os sistemas de concepções científicas e assim tomar consciência de seus próprios processos mentais. O ser humano interagindo com esses conhecimentos se transforma aprendendo a ler e escrever obtém o domínio de outras formas mais complexas como cálculos, constrói significados a partir das informações, amplia seus conhecimentos; e consegue lidar com conceito científico e relacionando; são atividades com extrema importância e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de interação e atuação no meio em que vive. Assim podemos dizer que as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na educação escolar introduzem a novos modos de operação intelectual: abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade (que por sua vez transformam os modos de utilização da linguagem). Como consequência, na medida em que o sujeito expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo.

Sendo assim, a escola exerce um papel fundamental na transformação social dos sujeitos, esse direito foi garantido em parte através do acesso à educação para todos, mas somente será consolidada em sua plenitude se a ampla variedade de pessoas envolvidas e instituições atuarem em ações que sustentem a promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana; e

tenham como objetivo principal formar crianças, jovens e adultos que participem ativamente da vida democrática e sejam capazes de exercitar seus direitos e responsabilidades na sociedade, bem como respeitar e promover os direitos de outras pessoas.

Essa educação integral que visa o respeito mútuo pelo outro e pelas diversidades culturais é a meta a ser alcançada, e a escola serve como mediadora tanto para o acesso ao histórico dos direitos humanos, quanto para compreender que a cultura dos direitos humanos é o alicerce para as mudanças sociais que almejamos. É nítida a influência da educação na construção e na consolidação da democracia como um processo para fortalecer as comunidades e os grupos excluídos dos seus direitos.

Segundo Paulo Freire (1997, p. 86): “[...] a escola cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e deveres [...] é uma escola que vive a experiência tensa da democracia”. A escola, então, exercendo sua finalidade de inserir o indivíduo ao saber erudito, ao conhecimento científico, de forma eficaz e com qualidade, também cumpre com sua função social de preparar o sujeito para o trabalho, o pleno exercício da cidadania e seu desenvolvimento como pessoa.

A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) expressam a concepção da educação para os direitos humanos. Os princípios que norteiam a educação de direitos humanos na Educação básica foram definidos no PNEDH – Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2006) e referendados no Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 (BRASIL, 2010), no sentido de contribuir com os sistemas de ensino e suas instituições de educação na elaboração das suas respectivas propostas pedagógicas:

- A Educação em Direitos Humanos além de ser um dos eixos fundamentais da Educação Básica, deve orientar a formação inicial e continuada dos profissionais da educação, a elaboração do projeto político pedagógico, os materiais didático-pedagógicos, o modelo de gestão e a avaliação das aprendizagens;
- A prática escolar deve ser orientada para a Educação em Direitos Humanos, assegurando o seu caráter transversal e a relação dialógica entre os diversos atores sociais;
- Os estudantes devem ser estimulados para que sejam protagonistas da construção de sua educação, com o incentivo, por exemplo, do fortalecimento de sua

organização estudantil em grêmios escolares e em outros espaços de participação coletiva.

Para que a escola se constitua em um ambiente de ensino aprendizagem democrático e voltado aos direitos humanos e a cidadania torna-se importante respeitar a fase que o aluno atravessa em sua vida escolar possibilitando, assim, adequação ao momento e a realidade do mesmo, bem como a formação continuada dos profissionais da educação buscando sempre aprimorar os conhecimentos em direitos humanos fundamentais à ampliação desse trabalho.

Cabe à escola incluir no seu currículo escolar e Projeto Político Pedagógico, temas que discutam questões de gênero, raça/ etnia, orientação sexual, religião e que estes sejam os mais próximos da realidade social, cultural e política em que os alunos estejam inseridos. Promover ações que privilegiem o fortalecimento dos direitos humanos de forma a assegurar ao sujeito um alicerce que dê sustentação ao enfrentamento à discriminação e às desigualdades. Possibilitar a participação ativa do aluno na sociedade em que vive e buscar meios de combater atitudes e comportamentos intolerantes contra grupos ou pessoas vulneráveis ou em situação de risco seja de forma pessoal ou coletiva este é o objetivo a ser alcançado.

Historicamente, a sociedade brasileira é marcada por contradições que, conseqüentemente, favorecem a exclusão social, política, econômica e cultural as quais promovem desigualdades e descriminação, gerando as mais variadas faces da violência contra o ser humano. Estas contradições também são percebidas no ambiente escolar, mas cabe ao sistema de ensino em sua totalidade, ou seja, professores, comunidade escolar e gestores o papel de perceber e modificar essas diferenças historicamente construídas.

3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TERMOS INCIVILIDADE E INDISCIPLINA NO ESPAÇO ESCOLAR

Debarbieux (2001) e Sposito (2001) expõem que, por muito tempo, a violência na escola foi denominada como um fenômeno atípico, por muitos foi identificada como mero sensacionalismo da mídia, por isso talvez só recebeu a devida atenção da comunidade acadêmica a partir do final da década de 90.

Atualmente, os especialistas das mais variadas áreas depositam seus olhares atentos

ao tema, buscando checar as múltiplas formas e seus efeitos da expressão da violência no ambiente escolar. Já não existem dúvidas com relação ao constrangimento que aterroriza as unidades de ensino afrontadas diariamente por atos transgressivos, sejam pequenas ou grandes infrações que muitas vezes colocam em risco a integridade de alunos e professores. (ABRAMOVAY, 2003).

Candau *et al* (1999) afirma que a violência, hoje, é considerada banal atingindo níveis preocupantes em toda sociedade brasileira. Para as autoras, a própria naturalização de comportamentos violentos pela cultura de massa contribui para essa banalização. Convivemos em uma cultura da desconfiança, da competitividade, da insegurança onde o outro se torna um inimigo assim efetivamente cultuamos o medo.

Placco *et al* (2002) afirma que a questão da violência precisa ser estudada a partir do contexto sócio-econômico-cultural e político da sociedade. Estar próximo a comunidades em vulnerabilidade social devido ao tráfico de drogas que os rodeia, conseqüentemente, leva ao crime e torna os espaços escolares prisioneiros da violência.

A violência não tem uma causa única atinge a tudo e a todos não é genética, econômica, psicológica ou geográfica é um emaranhado de fatores que formam uma teia complexa que cada vez mais envolve todos os setores da sociedade brasileira.

Colombier (1989), no livro “Violência na Escola”, destaca que os níveis socioeconômicos e familiares são possíveis causas da violência na escola, e entende este fenômeno como atos de violência como aluno/aluno, aluno/professor e alunos/ direção e funcionários. Através desse olhar a violência tem início na família com a falta de exemplos a serem seguidos, o não estabelecimento de limites, e a presença de uma dinâmica familiar disfuncional.

Como se pode notar, para conceituar violência na escola foi necessário buscar vários pesquisadores devido à complexidade do assunto. Há os que consideram fenômenos externos, outros psicológicos, entre outras variáveis.

Todavia, a maioria das pesquisas atuais está focada na noção de incivilidade na investigação da violência no meio escolar. Para fins desse estudo, vamos nos ater aos termos relacionados à violência na escola que surgiram recentemente uns novos outros já conhecidos como: incivilidade, indisciplina e bullying que serão definidos e diferenciados ao conceituar violência no contexto escolar. (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2002; CHARLOT, 2002; CHARLOT, 2005; MIRANDA; MIRANDA; FERRIANI; ZITO, 2007).

Para (Derbarbieux, 1996 *apud* Laterman, 2000), que pesquisou escolas na França, é importante destacar que o termo violência, como é usado na sociedade é insuficiente para explicar o que ocorre nas escolas. Para o autor, o que gera insegurança nas escolas, atualmente, não são atos de violência propriamente ditos e sim atos de incivildades.

Abramovay (2005) assevera que é importante adequar os termos no espaço escolar, a incivildade tem a ver com rebeldia, se opor a algo, já a violência tem a ver com destruir, danificar a integridade moral ou física de outro.

Podemos considerar incivildades pequenos atos que aos poucos minam as relações entre as pessoas envolvidas no processo educacional como: agressões verbais, empurrões, falta de respeito para com colegas e professores, barulho, piadas, desordem, brincadeira de mau gosto, palavras ofensivas, gozações, xingamentos, assovios, entre outros, ou seja, o que atinge diretamente as regras da boa convivência.

Charlot (2002, p. 437) esclarece:

O acúmulo de incivildades (pequenas grosserias, piadas de mau gosto...) no ambiente escolar "cria às vezes um clima em que professores e alunos sentem-se profundamente atingidos em sua identidade pessoal e profissional – ataque à dignidade que merece o nome de violência", mas que segundo ele depende fundamentalmente de um tratamento educativo.

Ainda de acordo com o autor, as incivildades não devem ser classificadas como um tipo de violência, mas como um modelo de comportamento contrário às normas de convivência em grupo e a falta de respeito ao outro, assim ela está mais voltada à agressividade do que à violência. Mas o que preocupa é o aumento dessas incivildades no espaço escolar, porque elas podem transformar a escola em um espaço contrário e agressivo e cada vez mais violento.

Conforme Debarbieux *apud* Laterman (2000, p. 37):

Por incivildades se entenderá uma grande gama de fatos indo da indelicadeza, má criação das crianças ao vandalismo, passando pela presença de vagabundos, grupos juvenis. As incivildades mais inofensivas parecem ameaças contra a ordem estabelecidas transgredindo os códigos elementares da vida em sociedade, o código de boas maneiras. Elas podem ser da ordem do barulho, sujeira, impolidez tudo que causa desordem. Não são então comportamentos ilegais em seu sentido jurídico, mas infrações à ordem estabelecida, encontradas na vida cotidiana. Elas são, segundo Roche, o elo que falta e que explica a insegurança sentidas pelas pessoas, mesmo que elas não foram vítimas de crimes e delitos; mas a vida cotidiana se degrada efetivamente e não imaginariamente. Indo mais além, as incivildades, pela impressão de desordem que geram, são para os que a sofrem a ocasião de um compromisso, uma defesa em causa da

organização do mundo. Através delas a violência se torna uma crise de sentido e contra sentido elas abrem a ideia do caos.

A sala de aula hoje se tornou um lugar vulnerável onde o professor se sente inseguro e o aluno desprotegido, onde as regras de uma boa convivência são quebradas e infelizmente o caos aos poucos se instala gerando comportamentos dos mais variados.

Garcia (2006, p. 125) afirma que:

As incivildades englobam comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. ‘Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar tacitamente esperado como boa conduta social. Destaca - se entre as incivildades reportadas nas queixas usuais dos professores, a falta de respeito’. Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivildade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa.

O que fica claro para os autores pesquisados é que a desorganização gerada pelas incivildades em sala de aula é um entrave devido à falta de concentração que atrapalha o rendimento dos alunos e desestabiliza o professor em sua prática pedagógica e, conseqüentemente, gera a quebra das regras estabelecidas pelos alunos que apontaram como importante a ser cumprida em um grupo social democrático.

Para caracterizar a violência no contexto escolar é preciso fazer uma investigação das suas ramificações, conceituar a indisciplina, de um modo que faça a distinção entre outros termos. Segundo o dicionário Aurélio o termo disciplina pode ser definido como: “[...] regime de ordem imposta ou mesmo consentida. Ordem estas que convém a um bom funcionamento de organização seja escola ou militar. Relações de subordinação do aluno ao mestre. Submissão a um regulamento. Qualquer ramo do conhecimento”. (FERREIRA, 2001, p. 258).

Continuando, Ferreira (2001, p. 414) expõe que o termo indisciplina significa: “[...] procedimento, ato ou dito contrário a disciplina”. Assim indisciplinado é a pessoa que se opõe a disciplina, é aquele que não obedece às regras impostas para um bom funcionamento de uma instituição escolar provocando rupturas.

Rego *apud* Aquino (1996), nos chama a atenção ao associar a disciplina à tirania, ou seja, à prática autoritária, que ameaça a democracia e rompe com a liberdade e a espontaneidade dos alunos. Diante desta perspectiva as regras na escola devem ser descartadas ou ignoradas.

Pois, a partir desse ponto de vista a indisciplina é entendida como algo positivo, já

que implica a coragem de ousar e se opor à tirania. Mas, quando pensamos em disciplina (ou indisciplina) sob esse aspecto, podemos estar desestruturando toda uma organização social, visto que a escola como toda e qualquer convivência em grupo necessita de normas para um bom funcionamento a fim de nortear as relações de boa convivência.

Nesta perspectiva, as normas não são somente imposições, ao serem compreendidas como uma necessidade ao convívio social. Os educadores compreendem como atitudes de desrespeito, rebeldia e de intolerância aos acordos consolidados pelos próprios alunos. (REGO *apud* AQUINO, 1996).

Ainda de acordo com Rego *apud* Aquino (1996), o termo indisciplina pode ser analisado sob dois aspectos: um sócio histórico, tendo como variantes condicionantes as culturas, o outro psicológico, o qual busca a influência familiar na escola.

Historicamente, as relações didáticas - pedagógicas foram fundamentadas na obediência e submissão dos alunos no contexto escolar, principalmente, na relação com os professores. Mas as mudanças impostas pelos novos padrões nas relações familiares não condizem com decisões impostas de cima para baixo. Podemos concluir que a mudança na educação vem do perfil do novo aluno e que o modelo de educação vigente não acompanhou as várias mudanças dos últimos anos, principalmente, no que se refere à realidade brasileira. Encontra-se, hoje, na sala de aula um aluno mais crítico, informado, com acesso aos mais diversos aparatos tecnológicos e que, muitas vezes, se considera em igualdade com o professor.

Se a escola não acompanhou as mudanças, e os alunos já não possuem o mesmo perfil de antes, estamos lidando em sala de aula com as novas gerações que procuram por novos valores. Nesse sentido, “a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta, personificadas nas transformações do perfil de sua clientela”. Pensando na perspectiva da variável sócio histórica, a escola ainda se apresenta distante desse novo perfil de aluno descrito anteriormente, sendo a indisciplina uma manifestação de resistência e produção de novas definições. (AQUINO, 2006, p. 45).

Outro aspecto analisado por Aquino (1996) diz respeito à variável psicológica, neste, a indisciplina estaria na dificuldade da família em colocar limites, o que pode contribuir para uma carência de exemplos a serem seguidos pelos alunos. Diariamente os professores reclamam da falta de limites, dos comportamentos agressivos e desrespeito com que são tratados em sala de

aula. Trata-se, “[...] supostamente, de um sintoma de relações familiares desagregadoras incapazes de realizar a contento sua parcela no trabalho educacional das crianças e adolescentes”. (AQUINO, 2006, p. 46).

Sendo assim, é muito complexo interpretar e definir as causas da indisciplina, a esse respeito Rego (1999) nos diz que em alguns momentos colocamos a culpa na falta de limites dos alunos na família ou em problemas relacionados à personalidade, assim como dependendo da idade, devido à fase que o mesmo ultrapassa seja a rebeldia da adolescência ou o egocentrismo da criança, ou fatores sociais.

Outro tipo de violência que gera muita polêmica no meio escolar é o bullying talvez pela maneira com que o termo foi banalizado pela mídia, que erradamente classifica tudo que acontece na escola como bullying.

O bullying é uma forma de violência que se caracteriza por ser feita repetidamente por uma ou mais pessoas de maneira intencional. O agressor utiliza de atitudes como ameaçar, humilhar, maltratar, oprimir, caluniar de forma verbal ou física e ela acontece na escola ou fora dela, podendo também acontecer em ambientes virtuais denominada cyberbullying.

O fato é que independentemente de onde a violência inicie, na atualidade este é um tema preocupante para toda a comunidade escolar e sociedade de uma maneira geral e motivo de muita discussão e empenho no sentido de serem repensadas as estratégias utilizadas até então para que sejam atenuados os efeitos perversos da violência no contexto escolar e sua influência na fragilização das relações entre alunos e professores.

4 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO

A E.E.B. Prof.^a Otília da Silva Berti está localizada no município de Araranguá no Estado de Santa Catarina. Situada no extremo sul catarinense, Araranguá tem uma população de 62.308 habitantes, com uma área total 303,91 km², segundo dados do IBGE, 2012. Apresenta largas avenidas sendo banhada pelo rio Araranguá que divide a cidade em duas regiões. As principais atividades produtivas do município são: o comércio intenso, agricultura na produção de arroz, fumo, mandioca e milho. Tem uma beleza natural o qual se destaca como ponto turístico o balneário Morro dos Conventos de natureza privilegiada com o encontro do rio com o oceano,

dunas, falecias, penhasco do morro onde se encontra o farol e o mar de águas belas e límpidas.

A escola fica às margens do rio Araranguá, próximo a BR 101, no bairro Barranca, o que produz uma situação de vulnerabilidade social devido às constantes cheias (enchentes) do rio que capta toda a água da região em direção ao mar, por isso a clientela desta escola é carente e flutuante, sendo que, constantemente, as pessoas movem-se para outras localidades e retornam em questão de meses.

A escola possui 145 alunos distribuídos em ensino fundamental I e II com turmas únicas de 1º ao 9º ano, possui 4 professores de ensino do 1º ao 5º ano e 8 professores de 6º a 9º, 2 serviços gerais, 2 guardas, uma assistente técnica pedagógica, uma técnica administrativa, e uma diretora. Funciona em dois períodos, matutino e vespertino.

A comunidade da Barranca é constantemente visitada pela Polícia Civil e Polícia Militar a escola conta com o projeto ronda na escola. Projeto este que acontecesse na escola em conjunto com a polícia militar de Araranguá onde dois policiais semanalmente visitam as salas de aula e fazem perguntas a alunos e professores, e quando ocorre algo relacionado à escola, esses profissionais acompanham de perto o desenrolar dos acontecimentos.

Os alunos da Escola Otília da Silva Berti possuem um comportamento agitado, brincadeiras que envolvem agressão física, costumam gritar e utilizar palavras agressivas (palavrões) entre eles. São “carentes” emocionalmente, constantemente precisam ser incentivados para terminar e buscar novas atividades. São levados pelo conformismo e estagnação, brigas entre famílias que começam em casa e terminam na escola, são constantes. Cultuam a violência como sinônimo de força, afinal, possuem muitos exemplos na comunidade. Ex-alunos com problemas relacionados a homicídios, drogas, assaltos e impunidade, o que juntos geram uma cultura de medo onde a escola está inserida. Os alunos apresentam dificuldades em aceitar limites, desconhecem regras de convivência, tumultuando a sala de aula, entrada, saída e recreio.

5 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

De acordo com Demo (2000, p. 11), “[...] metodologia significa, na origem do termo, estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para se fazer ciência, [...] envolve também a intenção da discussão problematizante”.

Para o autor o método assume importância fundamental já que permite racionalidade e objetividade à pesquisa. Outros autores como Bruyne *et. al* (1997), consideram que a

metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica mas, principalmente, seu próprio processo.

Torna-se importante ressaltar que a intenção deste trabalho é buscar a descrição da realidade estudada, tal qual ela se apresenta, buscando entendê-la a partir da percepção daqueles que se envolveram e se envolvem do significado que ela adquire para esses indivíduos (TRIVIÑOS, 1987).

A presente pesquisa caracteriza-se como quanti-qualitativa, pois visa abranger a totalidade do problema investigado. Segundo Minayo (1994, p. 22): “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem, ao contrário, se completam, pois, a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Quanto à finalidade do estudo, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, já que consiste de “[...] investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de problemas... que tem a finalidade de aumentar a familiaridade do pesquisador com o fato ou fenômeno.” (LAKATOS, 1996, p. 91).

Este estudo tem como público-alvo professores que atuam no Ciclo de Alfabetização da Escola Otília da Silva Berti no município de Araranguá/SC. Inicialmente, realizou-se contato prévio com os professores a fim de averiguar aceitação e disponibilidade destes em participarem da pesquisa, com o objetivo de agendar data e horário que melhor se adequasse à rotina de trabalho, bem como para informar quanto aos objetivos do estudo.

Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário contendo cinco questões fechadas referentes aos dados de identificação: sexo, idade, escolaridade, função e tempo de serviço na educação. Na sequência, foi realizada uma entrevista semiestruturada que, de acordo com Triviños (1987), é aquela que parte de alguns questionamentos básicos, que se encontram apoiados em teorias que se constituem em interesse da pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, levando a novas sínteses a partir das respostas dos informantes.

Para tanto, foi elaborado um roteiro composto de cinco questões diretamente relacionadas com os objetivos da pesquisa, a partir das seguintes categorias de análise: incivildades mais presentes em sala de aula; principais dificuldades enfrentadas em sala de aula com o comportamento dos alunos; estratégias utilizadas para lidar com conflitos provenientes das incivildades praticadas pelos alunos em sala de aula; fatores que contribuem para a presença

de incivildades entre alunos e professores em sala de aula e como a escola e os professores podem contribuir para diminuir as incivildades em sala de aula.

As entrevistas foram gravadas em áudio com autorização dos entrevistados para garantir a fidedignidade das respostas e tiveram duração de aproximadamente uma hora. Antes de cada entrevista, foi explicado aos entrevistados o caráter confidencial e a garantia da preservação da identidade dos mesmos, quando da publicação dos resultados. Sendo assim, foram atribuídas letras, por exemplo, A, B, C e D, sempre que mencionada alguma fala dos participantes. Antes do início de cada entrevista foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados quantitativos foram analisados a partir de medidas estatísticas descritas em forma de tabela, com o objetivo de caracterizar o perfil das participantes. Nos dados qualitativos, foi utilizado como recurso metodológico, a análise de conteúdo a partir do agrupamento das narrativas dos participantes pela semelhança das respostas.

Cabe ressaltar que a referida escolha deve-se ao fato de que na pesquisa qualitativa a quantidade de informações geradas, provenientes do conteúdo originado da fala dos sujeitos, é relativamente grande, exigindo por parte de o pesquisador apreender, de forma mais fidedigna possível, o significado das palavras expressas pelos sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, de acordo com Bardin (2000, p. 160), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inseridas nas mensagens).

Para Setúbal (1999) a análise de conteúdo se utiliza não só de mensagens, mas também das expressões dos sujeitos sociais, produzindo um conhecimento que se constrói na interação entre pesquisador e pesquisado.

5.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Aqui serão apresentados e discutidos os resultados obtidos na fase de coleta de dados a partir dos indicadores e das categorias centrais de análise definidos na delimitação metodológica da pesquisa.

Inicialmente, serão analisados os dados de identificação referentes à coleta de dados realizada com as professoras do ciclo de alfabetização e diretora da E.E.B. Profª Otilia da Silva Berti, a partir dos seguintes indicadores: idade, sexo, função e tempo de atuação na educação, seguida da análise dos dados qualitativos, a partir das seguintes categorias de análise: incivildades mais presentes em sala de aula; principais dificuldades enfrentadas em sala de aula com o comportamento dos alunos; estratégias utilizadas para lidar com os conflitos provenientes das incivildades praticadas pelos alunos em sala de aula; fatores que contribuem para a presença de incivildades entre alunos e professores em sala de aula e como a escola e os professores podem contribuir para diminuir as incivildades em sala de aula.

O perfil das professoras participantes compreende formação em Pedagogia e pós-graduação com exceção de uma que, atualmente, ocupa o cargo de diretora da escola e é formada em biologia, todas são do sexo feminino com idade entre 30 e 52 anos e o tempo de atuação na educação varia de 4 a mais de 10 anos de serviço. Cabe ressaltar que uma das alfabetizadoras tem mestrado em educação.

Categoria 1 – Incivildades mais presentes em sala de aula.

As incivildades em sala de aula atrapalham o processo de ensino - aprendizagem e limitam o processo educacional, com consequências que vão desde a falta de concentração até o desvio de foco da aprendizagem para a resolução de assuntos que não são pertinentes ao processo. O professor se sente estressado e sobrecarregado, o que influencia diretamente no processo ensino/aprendizagem.

Nesta categoria, todas as entrevistadas relataram que a incivildade mais praticada por alunos são as agressões físicas, o que se pode destacar nas narrativas abaixo:

“No meu contexto desse ano as agressões físicas, chutes, socos, beliscões ou xingamentos mesmo através de palavras mais grosseiras ou ofensivas mesmo” (Prof.^a R).

“Agressões físicas e verbais entre alunos, comportamentos agressivos, palavrões, falta de limites, situações em que é preciso cuidar de alguns alunos que mexem e guardam material dos outros alunos” (Prof.^a L).

Para Abramovay *et. al* (2004, p. 93): “No espaço escolar as incivildades atendem a diferentes finalidades e se expressam de formas complexas. Seja como forma de contestação da ordem escolar, ou como violência, as incivildades ameaçam o funcionamento da escola e a convivência que ali ocorre.”.

Outro aspecto também destacado foi o desrespeito aos professores e à apropriação indevida de materiais seja da escola ou dos outros colegas de sala, e como estamos falando de crianças na faixa etária de 6 a 8 anos em média, esta situação torna-se muito mais preocupante devido a esses atos ocorrerem cada vez mais cedo na vida escolar.

Cabe ressaltar que as mudanças pelas quais a sociedade vem atravessando nos últimos tempos, acabam por afetar diretamente a dinâmica da vida das famílias. O aumento da violência, o desemprego, os avanços tecnológicos, a ausência de referências que sejam “vitrine” de comportamentos éticos vêm comprometendo a vida em sociedade. Diante desse contexto a escola também é atingida e passa a assumir um papel fundamental, juntamente com a família na formação do sujeito cidadão, ou seja, a escola deixa de ser um local para “ensinar” e passa a ter seu foco direcionado para a “educação”.

Fonseca (2003, p. 99), chama a atenção para essa problemática:

Todos nós sabemos que a formação do ser humano não é tarefa exclusiva da escola, nem do processo de ensino. Entretanto as mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas ao longo do século XX passaram a exigir da escola uma participação cada vez mais efetiva na educação das novas gerações. As mudanças no mundo do trabalho acabaram redimensionando – ora limitando, ora dificultando – o papel da família na educação dos filhos, ocorrendo uma transferência dessa responsabilidade para a escola e seus professores. Ao mesmo tempo, ocorre uma inibição educativa de outros agentes de formação, tais como a Igreja e os movimentos sociais e culturais. Tudo isso aumentou enormemente, a responsabilidade da escola e de seus professores como espaço e sujeitos de socialização e formação dos indivíduos para a vida em sociedade.

O contexto familiar que a criança está inserida influencia diretamente na formação integral desse indivíduo, comprometendo o desenvolvimento do processo dele como cidadão crítico e atuante na sociedade em que vive.

Categoria 2 – Principais dificuldades enfrentadas em sala de aula com o comportamento dos alunos.

De acordo com as entrevistadas, o atrito entre eles como as brigas e rivalidades, muitas vezes, são iniciadas em suas casas e estendidas ao ambiente escolar, são as mais comuns, como podemos observar na fala da Prof.^a (A):

“Coisas que vem de fora e eles trazem para dentro da escola, eles cuidam da vida lá de fora e acham que estão na rua embora estejam em sala de aula”.

Outro aspecto citado pelas entrevistadas diz respeito ao fato de que o professor, constantemente, necessita administrar conflitos que interrompem as aulas e, conseqüentemente, atrapalham a concentração dos alunos, comprometendo o aprendizado de uma forma geral. O que fica claro partir da seguinte narrativa:

“[...] uma das principais e quem sabe a maior dificuldade é ter que interromper o conteúdo proposto em sala de aula para chamar a atenção e resolver situações destes alunos.”. Prof.^a (L).

Conforme as entrevistadas, a falta de uma transmissão de valores mínimos para um convívio social por parte da família, vem sendo um grande entrave em sala de aula devido à reprodução de atitudes e comportamentos na maioria das vezes agressivos, hábitos adquiridos no convívio familiar que influenciam diretamente na concentração e no aprendizado em sala de aula. O que se pode evidenciar na narrativa que se segue:

As faltas de concentração, sem limites, cuidam muito da vida de um e de outro e não cuidam da deles, o que o outro está fazendo está sempre errado eles estão sempre fazendo certo e eles não tem limites... eles brigam entre eles... deixa ver o que mais a gente presenciou em sala de aula muita rivalidade, cuidando muito da vida do colega e deixando a deles a desejar. Prof.^a (A).

Os alunos demonstram o hábito de reações agressivas, reações impensadas de desrespeito aos colegas de tentar resolver as coisas através da agressão física ou verbal acho que essa é a dificuldade quando a gente tenta explicar vai trabalhando existe uma reincidência a longo prazo. Prof.^a (R).

Segundo José e Coelho (1991, p. 210):

Muitas das funções educacionais da família vêm sendo delegadas à escola, devido às alterações que ocorrem em nossa sociedade. O trabalho da mulher fora do lar, deixando a educação dos filhos bem antes dos 7 anos a cargo da escola, foi o fator decisivo de uma sobrecarga de responsabilidade para o professor.

Ainda de acordo com. Tiba (1996, p. 178):

É dentro de casa na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para um futuro próximo, ter saúde social [...] A educação familiar é um fator bastante importante na formação da personalidade da criança desenvolvendo sua criatividade ética e cidadania refletindo diretamente no processo escolar.

As professoras se sentem limitadas e sobrecarregadas em ter o compromisso de desenvolver funções que não são da competência delas, assim a falta de limites dos alunos e a reprodução de atos violentos vivenciados em seu contexto familiar, provocam situações em sala de aula que envolve diretamente todo o processo educacional.

Na perspectiva de Vygotsky (1984, p. 87):

A educação recebida, na escola, e na sociedade de um modo geral cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos, a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e consequentemente o comportamento da criança na escola.

Outro aspecto lembrado pelas entrevistadas é a falta de responsabilidade tanto dos pais como dos alunos no processo educacional. Conforme narrativa abaixo:

As principais dificuldades com o comportamento é a educação que vem de casa se eles tivessem mais e fosse mais trabalhado em casa não teria tanto a indisciplina na sala de aula, e a falta de compromisso que se eles tivessem mais não refletia tanto no comportamento, inclusive dos pais é isso aí ausência dos pais e de limites. Prof.^a(S).

Este aspecto é corroborado na afirmação de. Tiba (1996, p. 140):

O interesse e participação familiar são fundamentais. A escola necessita saber que é uma instituição que completa a família, e que ambos precisam ser um lugar agradável e afetivo para os alunos/filhos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno. (TIBA, 1996, p.140).

Categoria 3 – Estratégias utilizadas para lidar com conflitos provenientes das incivildades em sala de aula.

Conforme as entrevistadas, o diálogo é sempre a primeira estratégia utilizada por todas, embora algumas procurem diversificar com outras atitudes, tudo se inicia com uma boa “conversa” entre professor e aluno. Como se pode observar nas narrativas que se seguem:

“No primeiro momento os alunos são chamados e conversamos sobre os motivos que levaram a cometer as incivildades”. Prof.^a (C).

“A gente tenta em um primeiro momento o diálogo, muito diálogo, mas às vezes não dá certo por causa do comportamento muito agressivo, mas é a primeira tentativa sempre”. Prof.^a (A).

Para Freire (2005, pág. 91):

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutastes.

Embora o diálogo tenha sido citado como fundamental por todas as participantes, podemos observar que conforme o contexto em sala de aula cada professora procura adequar aos seus objetivos às estratégias utilizadas, como relatado por elas:

“Em geral eu procuro sempre assim com regras bem claras, em síntese tento não fazer uma lista muito grande das regras para que possam ser fixadas pelos alunos e essas regras ficam expostas em sala de aula”. Prof.^a (R).

“Incentivando atividades em sala de aula sobre as situações vivenciadas, compartilhando e criando estratégias para haver mudanças”. Prof.^a (L).

Inventamos um quadro do bom comportamento incentivando o aluno a ganhar um raio se não se comporta e uma estrela quando segue os combinados. Deu certo, com um incentivo maior a gente conseguiu atingir nosso objetivo compensando com piquenique, jogos que incentivassem o lúdico, livros, materiais escolares. Prof.^a (A).

De acordo com Aquino (1998, p. 7): “(...) as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muitos permissivos”. (AQUINO, 1998, p. 7).

Com a resposta das entrevistadas fica claro que trabalhar regras em sala de aula é fundamental para que os alunos tenham a consciência do que está sendo cobrado e como as suas atitudes terão uma consequência previamente estabelecida e que, na maioria das vezes, foram construídas por eles mesmos de forma democrática e participativa em sala de aula.

Outro aspecto citado foi a reunião com os pais que se trata de uma tentativa de resolver a situação em conjunto, pensando no bem comum. Nessa reunião, os pais são comunicados das atitudes que serão tomadas por parte da escola em relação às incivildades presentes na escola. Inicialmente, a escola tenta estabelecer um diálogo com os alunos, caso ainda

persista, é feita uma comunicação por escrito com a devida assinatura dos pais e em último caso a suspensão do aluno por 3 dias. Acredita-se que desta forma, as regras da boa convivência sejam debatidas e aprovadas por todos de forma clara e transparente. Como se pode evidenciar nas narrativas abaixo:

“Efetuar reuniões em conjunto para buscarmos soluções juntamente com os demais professores, pais ou familiares”. prof.^a (L).

“Conversar com os pais em reuniões. Conversar com os alunos, tentar dar limites, essas partes porque se eles tivessem limites e mais conversa quem sabe os pais mais presentes eles não estariam cometendo tantas incivildades né”. Prof.^a (S).

Garcia (2006, p. 4) afirma que:

As incivildades englobam comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar tacitamente esperado como boa conduta social. Destaca-se entre as incivildades reportadas nas queixas usuais dos professores, a falta de respeito”. Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivildade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa.

Categoria 4 – Fatores que contribuem para presença de incivildades.

De acordo com as entrevistadas, a dificuldade da família em impor limites aos filhos, a cultura local e a cultura mediática são as principais causas das incivildades em sala de aula. O fato da família não estar atenta à educação de seus filhos e ao cumprimento de suas responsabilidades, deixa as crianças sem exemplos a serem seguidos, já que o contexto social implica na presença constante da violência nas relações sociais. Como se pode constatar na narrativa abaixo:

A falta da família, ou seja, eles têm a família física, mas a família não está presente, a família não trabalha com as questões dos limites, não comparecem na escola nas reuniões quando são solicitadas. As crianças ficam muito soltas o dia todo sem nada para fazer a não ser a escola e eles ficam muito libertos. O professor tenta dar limites eles se revoltam, porque a vida deles em casa é mais desregrada e na escola tem as normas que tem que ser obedecidas, então quando o aluno se depara com as normas ele se sente revoltado. Prof.^a (C).

Eu vejo, principalmente, a cultura local, cultura familiar, que ele sempre viu e por cultura eu quero dizer um conjunto de hábitos da família e da sociedade no local isso é muito importante porque é o padrão de comportamento que o aluno sempre viu então é

difícil para ele ir além do que ele sempre conviveu com adultos resolvendo problemas de uma determinada forma então ele vai ter o impulso de resolver daquela forma principalmente com crianças pequenas com quem eu trabalho de 8 anos agora eles agem muito mais por impulso não há um comportamento plenamente consciente como é no caso do adulto. Então essa criança está reagindo a impulsos o fator principal que eu vejo é esse conjunto de hábitos familiares ou até do ambiente que ela é criada as vezes a mãe precisa deixa-la com alguém cuidando ou na creche ou em algum local que ela é cuidada dependendo do conjunto de hábitos desse local procura desenvolver nessa criança isso vai aparecer e a cultura da mídia eu também considero importante que a gente tem visto uma cultura de mídia bem violenta onde a violência aparece bastante na os super heróis todos muitos violentos o MMA fazendo muito sucesso enfim essa cultura midiática também interfere eu acho que são os principais. Prof.^a (R).

Divergência de opiniões entre professor e aluno, influência de fora da escola de pessoas até não familiar, como outros tipos de exemplos como jovens que não frequentam mais a escola que no bairro tem bastante e jovens infratores, falta de exemplos bons de família de amigos e a falta de estrutura familiar. Prof.^a (S).

A falta de limites a família não tem presença na escola. A família só aparece quando e para criticar a escola, a família deixa muito a desejar em questão de educação não tem o incentivo da família na escola. A escola tenta dar limites o professor tenta dar limites na sala de aula, mas em casa eles não tem esse limite que eles precisam os pais não dão limites para eles. Prof.^a (A).

Para Oliveira (2005, p.51): “Em geral, em casos como esses as crianças passam o dia todo sozinhos, em casa ou na rua. E os pais, responsáveis transferem para a escola toda, ou quase toda, a responsabilidade da educação de seus filhos, estabelecerem limites e desenvolver hábitos básicos”.

Ainda de acordo com Tiba (1996, p. 165):

A educação ativa formal é dada pela a escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela a escola, pelo pai, pela e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno disciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo, quanto a educação da criança. O filho vai tirar o lucro da discordância pais-escola da mesma forma que se aproveitam quando há divergências entre o pai e a mãe.

Ao viver em comunidade o ser humano precisou adequar certas regras para garantir o bom convívio social. Sabe-se que a escola é o local onde se concentram pessoas diferentes com culturas diferentes, necessita de regras claras e construídas de forma democrática para que todos consigam conviver em harmonia. E quando essas regras são quebradas podemos dizer que o caos se instala, porque onde não existe organização em um grupo é difícil atingir um objetivo comum.

A dificuldade da família em impor limites aos filhos é preocupante pois contribui para que a criança agregue valores e condutas altamente prejudiciais ao seu desenvolvimento integral o que compromete sua vida como cidadão.

Segundo Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima e Martinelli (2002), pode-se considerar crianças em situação de vulnerabilidade social aquelas que convivem com as consequências das desigualdades sociais; da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem rápida da infância à vida adulta; da falta de saúde, lazer, alimentação e cultura; bem como a falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência; e falta de atenção mínima necessária para um desenvolvimento educacional, o que os remete precocemente no mundo do trabalho; da exploração do trabalho infantil; da falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e da evasão escolar; da facilidade de integração ao consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas, favorecendo, assim, a sua exclusão a uma vida mais digna e justa.

Ainda de acordo com Giancaterino (2007, p. 97):

[...] A indisciplina na sociedade conduz na maioria das vezes, a delinquência e, mais tarde, ao crime. Uma criança ou um adolescente que desconhece normas de uma vida regular tem tendências de tornar-se um jovem problemático. Muitos deles começam já na adolescência, uma vida desregrada, partem para o crime e é problema para a família e para a própria sociedade.

Categoria 5 – Como a escola e os professores podem contribuir para diminuir as incivildades.

A partir das narrativas das entrevistadas pode-se constatar que a escola já vem ministrando palestras com profissionais da Rede de Proteção Social, como: Psicólogos, agentes da polícia civil que trabalham nas penitenciárias da região e Assistente Social. Conforme se pode evidenciar a partir narrativas que se seguem:

Então isso aí é o que a gente já faz, as palestras, adotando essas normas em alguns casos funciona em outro não funciona porque o pai também tem que dar o suporte” o pai diz assim que se ela falar alguma coisa para ti eu vou lá dar na cara daquela professora, aí eu quero ver se ela vai mandar bilhete. Sabe eles, tem esse comportamento eu sei porque eles falam na frente da gente isso, então o aluno se senti amparado pela também falta de noção do pai. Profª (C).

Palestras com profissionais das áreas tipo psicologia entre outras, trazer os pais para escola com programas de incentivo sendo que isso tudo já foi feito na escola, mas muitos pais não compareceram eram poucos pouquíssimos que compareciam as reuniões e não teve esse compromisso da família. A escola proporcionou, mas, a família não aceitou. Profª (S).

A escola tentou de todas as maneiras de trazer os pais para dentro da escola. Trazendo palestras com profissionais, mas, faltou muitos pais os que realmente precisavam estar na escola não apareciam; principalmente os alunos problemas, os alunos que a gente sabia que realmente precisava de um incentivo não vinha na palestra com psicólogos com policiais, o bairro é muito violento e gera muita violência então as crianças participam disso diariamente. Prof.^a (A).

Para Nogueira (2000, p. 5):

A educação para a cidadania requer muito mais do que a simples criação de oportunidades de participação dos alunos em alguns eventos proporcionados pela escola, porém este pode ser um começo. Pode ser um ponto de partida para um envolvimento maior com o espaço público e uma possível identificação com o mesmo. Para que haja uma educação de cidadãos, é preciso que acima de tudo os indivíduos, vistos como iguais, tenham a oportunidade de dialogar, expor seus anseios, necessidades e opiniões para que a escola passe a ser vista como local de troca, de relacionamento interativo, e não de imposições e regras, que muitas vezes não condizem com sua realidade

Mas ainda, segundo o depoimento da professora R há muito a se fazer, pois a comunidade escolar precisa se unir em todas as atitudes que são tomadas dentro da escola e a família precisa trabalhar em conjunto, para quem sabe criar novas culturas que vão gerar novos resultados em longo prazo.

É aqui eu penso em estratégias em longo prazo não vejo como ter uma fórmula mágica para gente resolver tudo de uma hora para outra. A contribuição vem justamente na palavra cultura parece que a escola precisa criar novas culturas porque se fora da escola vem uma cultura carregada de violência agressividade e reações impensadas a escola precisa como um todo, ou seja todo mundo funcionários, professores todos criarem a cultura de ações coletivas. Pensar antes de agir, a minha ação interfere na vida do outro, o que o outro faz é importante para mim porque hoje ou amanhã a ação do outro vai ser algo importante para mim então eu preciso de uma coletividade sadia e eu acho isso muito importante porque em sala de aula as vezes a gente consegue desenvolver um certo ritmo, mas, se o restante da escola, não trabalhar junto parece que ficam lacunas muito graves. Então se em sala de aula o meu hábito e evitar ao máximo gritar com os alunos no pátio todos os funcionários deveriam evitar gritar também, se em sala de aula a minha prática e uma liberdade vigiada os meus alunos tem liberdade mas eu estou atenta o tempo todo ,então no pátio também deveria ter uma liberdade vigiada enfim essa mesma ideia de regras com consequência claras e uma política de interiorizar as regras na mente dos alunos em consonância da escola como um todo isso seria muito importante e é algo que eu tenho sentido necessidade. Prof.^a (R).

Vivemos um tempo de grandes mudanças em um curto intervalo de tempo, o que dificulta a compreensão e a aceitação dessas transformações. Nessa conjuntura, a família precisa se ajustar também e estar presente em todos os momentos da vida escolar de seus filhos, colaborando, estando atenta as suas dificuldades sejam elas de aprendizagem ou

comportamentais. Estar pronta para intervir da melhor maneira possível, buscando sempre o melhor aos seus filhos, mesmo que signifique muitos “nãos” as suas exigências.

Kaloustian (1988, p. 62): “Em outros termos a família deve ser o espaço indispensável para garantir a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente dos arranjos familiar ou da forma como se vêm estruturando”.

A família deve ser um modelo a ser seguido, pois as aquisições de comportamentos considerados adequados são desenvolvidas primeiro em casa onde se vivencia a chamada educação primária. Esses termos e padrões sociais vigentes em nossa sociedade são resultado de nossas vivências da cultura em que estamos inseridos.

Para. Tiba (1996, p. 178):

É dentro de casa na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para um futuro próximo, ter saúde social [...] A educação familiar é um fator bastante importante na formação da personalidade da criança desenvolvendo sua criatividade ética e cidadania refletindo diretamente no processo escolar.

Por outro lado, a escola precisa buscar ouvir os pais e assim com atitudes mútuas construir uma cultura de paz, solidariedade e esperança para todos. Como diz Noleto *apud* Werthein (2001, p. 6):

Deve-se assumir a importância da construção de uma Cultura de paz, uma cultura baseada na tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais o princípio de pluralismo, que assegura e sustentabilidade liberdade de opinião e que se empenha em prevenir conflitos resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não-militares para a segurança, como exclusão, da pobreza extrema e degradação ambiental. A cultura de paz procura resolver os problemas através do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência invisíveis. (Noleto *apud* Werthein, 2001, p. 6).

Para que seja quebrado o ciclo da violência, torna-se necessário implementar mudanças de comportamento que gerem o comprometimento de todos, o que em uma comunidade como a da Barranca não significa tarefa fácil, frente ao contexto social no qual se encontra inserida, como já mencionado anteriormente, mas é preciso acreditar que algo ainda possa ser feito senão se estará desistindo dessa comunidade e das novas gerações que ainda virão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou como tema central “Fatores que contribuem para as incivildades presentes na relação entre alunos e professores do ciclo de alfabetização na escola Otilia Silva Berti, no município de Araranguá/SC”.

Hoje, em sala de aula, convive-se com incivildades diariamente no ambiente escolar e mesmo que não seja diretamente com o professor o problema, é ele quem tem que resolver situações que estão ligadas com o comportamento dos alunos os quais, muitas vezes, vêm com problemas de fora da escola para resolver ali, sobrecarregando os profissionais e dificultando o planejamento de ações por parte da escola. Situações essas que vem atrapalhando o rendimento e o desenvolvimento da aprendizagem em sala de aula. Então, identificar esses fatores que contribuem para as incivildades no ciclo de alfabetização é de suma importância.

De acordo com a pesquisa realizada com as professoras, pode-se afirmar que as incivildades mais presentes são: a agressão física, xingamentos, desrespeito ao professor, apropriação de materiais e a falta de limites. Não se pode procurar “culpados”, mas compreender que o fenômeno da violência na escola é multifacetado, ou seja, envolve vários determinantes sociais, como: a negligência da família em relação à educação dos filhos, a violência presente no contexto social no qual os alunos encontram-se inseridos, inclusive, aquele presente na família, a falta de limites, entre outras.

Que a família vem passando por transformações é fato, mas ela continua sendo responsável pelos valores, crenças e costumes assim como o primeiro espaço de construção social que visa independentemente da forma como estão estruturadas, a proteção dos filhos, pois é na família que a criança deve encontrar um porto seguro que garanta a sua proteção integral e sobrevivência.

Os professores e a escola vêm assumindo papéis que não condizem com suas funções e que pouco podem contribuir se a família e a escola não caminharem juntas com um único objetivo. Até mesmo a falta de afeto tenta ser suprida, todos os dias encontram-se alunos que demandam afeto, já que suas relações familiares e sociais são empobrecidas de vínculos afetivos o que, muitas vezes, pode contribuir para a expressão de incivildades em seus comportamentos como forma de chamarem atenção para si.

Assim o professor em sala de aula trava uma batalha diária com dificuldades como: a

falta de compromisso, o descaso com materiais, a falta de educação, a omissão dos pais e a falta de concentração que são aspectos fundamentais para que os alunos se desenvolvam integralmente.

A escola tem buscado de todas as formas lidar com esses conflitos, inclusive, trazendo no ano de 2015, várias palestras, ministradas por profissionais que atuam na Rede de Proteção Social do município, no entanto, se depara com a pouca participação das famílias nesses eventos. Apesar dos esforços dentro de sala de aula bem como fora dela, por vários momentos, tem-se a impressão de que a “batalha” está perdida, em razão do descaso da família e da violência presente no dia a dia da comunidade.

Cabe salientar que a comunidade no qual a escola está inserida está situada em uma área de vulnerabilidade social, o que leva a cada dia mais jovens a estarem expostos a situações de infração que amparados pelas leis vigentes, contribuem para que se sintam atraídos pelo dinheiro fácil e a pela impunidade.

O que se pode observar é que a escola precisa, em longo prazo, ampliar as estratégias para toda a comunidade escolar bem como trazer os pais para dentro da escola e quem sabe, unir forças que contribuam para transformar uma cultura de violência em uma cultura de Paz, onde as relações possam ser mais solidárias, humanas e providas de afeto.

Finalizando, pode-se perceber que os objetivos desse estudo foram alcançados já que foi possível plantar uma semente entre a equipe do ciclo de alfabetização e direção da escola, pois a pesquisa proporcionou que a temática das incivilidades presentes na relação entre alunos e professores fosse abordada e refletida e, conseqüentemente, levasse a equipe de professores do ciclo de alfabetização e direção a verificarem a necessidade de investimento no planejamento de ações voltadas à implementação de alternativas viáveis que contemplem a participação das famílias e dos diversos atores que compõem a Rede de Proteção Social no entorno da escola e que venham a contribuir para o estabelecimento de uma cultura de paz.

Abstract:

This scientific paper discusses the theme "Factors contributing to incivilities in the relationship between students and teachers of literacy cycle in school Otilia Silva Berti, municipality of Araranguá/SC." The overall objective is to identify the factors that contribute to the incivilities in the relationship between students and teachers of literacy cycle in the State School of Berti Otilia Silva in the municipality of Araranguá/SC. Therefore, the specific objectives that guide are: describe the most present incivilities in the relationship between students and teachers in the classroom space; know the main difficulties faced by teachers for the violent behavior of students; know the strategies used by teachers to deal with conflicts from the incivilities committed by students and identify possible factors in the school environment that contribute to the worsening of incivilities. As a method, it was decided to use a search of the exploratory type of quantitative and qualitative nature. Data analysis was carried out using descriptive statistical analysis and content analysis. The main findings of this research show physical aggression, insults, disrespect to the teacher, appropriation of materials and lack of boundaries, as the most present incivilities in the relationship between students and teachers. It also highlights the little family participation in school life of their children and the difficulty of setting limits, which turns out to be reflected in the behavior of students.

Keyywords: School. Incivilities. Citizenship. Human Rights.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: Unesco, 2004.

_____. **Enfrentando a violência nas escolas**: um informe do Brasil. In: UNESCO. **Violência na escola: América Latina e Caribe**. Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. F. **Educação e incivilidade**. Disponível em: <<http://obersvatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/4.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina o Contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARENDT, Hanah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A Educação como Política Pública**. 3. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2004. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo.

BARTH, R. A. **Personal vision of a good school**. In: Phi Delta Kappan, 1990, n. 71, p. 512-571.

BECKER, Fernando. **A Origem do Conhecimento e a Aprendizagem Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BOBBIO, Norberto. **A era dos Direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

BOBBIO, Norberto; Michelangelo Bovero. **Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 12 jan. 2016.

_____. **Direitos humanos**: documentos internacionais. Brasília: SEDH-PR, 2006.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil**: leitura crítico compreensiva. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

CARNOY, Martin. **Educação, economia e estado base e superestrutura**: relações e mediações. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1990.

CASTRO, R, E.F. **Eles cuidam de crianças. Quem cuida deles?** O sofrimento psíquico do professor na relação com a criança considerada agressiva. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15122008-123651>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CHARLOT, B. A violência na escola. O que a escola pode fazer e como? [CD-ROM] In: **Anais do Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas**, 2, Belém/PA: Universidade da Amazônia – UNAMA. 2005.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, **Revista Sociologias**, ano 4, n. 8, p 432- 443, jul./dez. 2002.

CORREIA, Darcísio. **A construção da Cidadania**: reflexões históricas - políticas. Ijuí/RS: UNIJUÍ, 2000.

CORREIA, Mônica F. B.; LIMA, Anna Paula Brito; ARAÚJO, Claudia Roberta de. As contribuições da psicologia Cognitiva e a Atuação do Psicólogo no Contexto Escolar. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, 14 (3), p. 553-561. 2001.

DEBARBIEUX, E. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Revista Educação e Pesquisa**, 27 (1), p. 163-194. 2001.

DEBARBIEUX, E; DEUSPIENNE, K. R. **Das estatísticas oficiais aos levantamentos sobre vitimização, delinquência juvenil e violência nas escolas**. In Unesco (coord.), Desafios e Alternativas: violência nas escolas, Brasília: Unesco, 2003.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez, 1981.

ELIAS, N. (1939). **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas/SP: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar**: Perguntas e Respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, Liliana Soares; BONETTI, Lindomar Wessler (Org). **Educação e Cidadania**. Ijuí/RS: ed. UNIJUÍ, 1999.

FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados. 4. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2005.

FRAGA, C. (1999). **O cliente tem sempre razão**. Disponível em: <http://www.sinprors.org.br/extra/ago99/educacao_1.htm>. Acesso em: 19 fev. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREUD, Sigmund (1930). **O mal-estar na civilização**. v. XXI, p. 81-177. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. v. XIV, p. 311-339. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**. Explicitação das Normas da ABNT. 2005.

FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis (1830-1889). **A cidade antiga**: estudos sobre o culto, o direito nas instituições da Grécia e de Roma. Tradução de Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo: Hemus, 1975.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1998.

GIANCATERINO, Roberto. **Escola, professor, aluno**: Os participantes do processo educacional. São Paulo: Madros, 2007.

GÓES, Maria Cecília, **A natureza social do desenvolvimento psicológico**. In: Cadernos CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade – Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1991, p.17-24.

JOSÉ, Elizabete da Assunção; COELHO, Maria Tereza. **Problema de aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola**: Nem vítimas, nem culpados. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: A Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos. São Paulo: Loyola, 2002.

LÓPEZ. J. S. I. **Educação na família e na escola**. Tradução de M. C. Mota. São Paulo: Loyola, 2002.

LUNA, S. DAVIS, C. **A questão da autoridade na educação**. In: Caderno de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MATUÍ, Jiron. **Teoria Construtivista sócio histórica aplicada no Ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

MIRANDA, M. I. F.; MIRANDA, J. R.V.; FERRIANI, M. G. C.; ZITO, A. Violence in high school. Factores and manifestations from a city in southeast Brazil. **International Journal on Violence and Schools**, 3. Disponível em: <<http://www.ijvs.org/l-6053-Article.php?id=34&article=0>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

NASCIMENTO, Walter Vieira do. **Lições de história do direito**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

NERECI, I. **Didática**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 1989.

NOGUEIRA, I. A violência nas escolas e o desafio da educação para a cidadania. **Trabalho apresentado na 23a. Reunião Anual da ANPED**: Caxambu/MG, 2000.

OLIVEIRA, Maria Izete. **Indisciplina escolar**: determinações, consequências e ações. Brasília: Líber livro, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de, **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1995.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: contexto,

2008.

PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

POUTINGNAT, Philippe. e Streiff-Ferrt. **Teorias da Etnicidade**: Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

_____. **Vygotsky**: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.

SOUZA, José Pedro Galvão de (1912-1992). **Dicionário de Política**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1999.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**, 27 (1), p. 87-103, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina, limites na medida certa**. São Paulo: Editora gente, 1996.

UNESCO. Recomendación sobre La educación para La comprensión, La cooperación y La paz internacionales y La educación relativa a los derechos humanos y las libertades fundamentales. Disponível em: <<http://www.portal.unesco.org/es>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

VASCONCELOS Celso dos Santos. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em <<http://www.sinterroraima.com.br/imagens/artigos/desafios>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WERTHEIN, Jorge. **Juventude, violência e cidadania**. Brasília: UNESCO, 2001.

WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio. **Fundamentos da nova educação**. In: Cadernos UNESCO Brasil, v. 5, Brasília: UNESCO, 2000.